



REGISTRO DE REUNIÃO	
Data:	03/11/2015
Reunião:	27ª Reunião GTA OH
Grupo:	Grupo de Trabalho de Acompanhamento das Operações Hidráulicas - GTA OH
PARTICIPANTES	
INSTITUIÇÃO	
Thiago E. Antonino	PCH - Queluz
Jardel Sousa de Azevedo	SAAE - BM
Edson José Rezende Luciano	CESP
Julio César Ferreira	CESP
Marcelo Roberto Rocha de Carvalho	FURNAS
Daniele Rodrigues O. de Lima	FURNAS
José Luiz Governo de Souza	CSA
Marcus Vinícius Gimenez	CSA
Alexandre Soares	GERDAU
Joaquim Costa	GERDAU
Jorge Peron	FIRJAN
Leonel Fagundes de Assis	CEDAE
Eduardo S. R. Dantas	CEDAE
Julio César O. Antunes	CEDAE/ Comitê Guandu
Luiz Guilherme Guilhon	ONS
Paulo Diniz	ONS
Marcelo de Jesus Nunes	FCCSA
Humberto Duarte de Andrade	LIGHT ENERGIA
Diogo de A. C. Azevedo	LIGHT ENERGIA
Gabriela Alcantara de Moraes	LIGHT ENERGIA
Larissa Ferreira da Costa	INEA
Agatha Weinberg	INEA
Edson Falcão	INEA
Fabiola de Souza Freitas	CEMADEM - RJ
Hiroaki Makibara	SSRH
Monica Porto	SSRH
Joaquim Gondim	ANA
Renato Pizzi Rossetti	CETESB
Zeila Piotto	FIESP
Wanderley Soares	DAEE
Benedito Felipe Oliveira Costa	SABESP
Luiz Roberto Barretti	CBH-PS
Tipo:	Videoconferência
Local:	INEA, ANA, FIRJAN, DAAE, AGEVAP, CESP E AGEVAP
RELATO DA REUNIÃO	
1- Aprovação das atas das reuniões anteriores (06/10/2015 e 21/10/2015)	

Marcelo Carvalho (FURNAS), coordenador do grupo, propôs a aprovação da ata da 25ª reunião e postergou a aprovação da ata da 26ª reunião visto que a mesma não ficou pronta em tempo hábil para avaliação. Não havendo manifestações contrárias, a ata da 25ª reunião foi aprovada.

2- Avaliação da redução da vazão objetivo em Santa Cecília para 110 m³/s;

Relatos dos usuários:

Julio Cesar Antunes (Comitê Guandu/CEDAE) disse que está esperando contato, mas a princípio não tem nenhuma novidade sobre a CEDAE Interior. A respeito do Guandu está tudo normal, o único relato é que dia 29/10 o sistema parou, porém voltou a operar no mesmo dia.

Joaquim Costa (GERDAU) relatou que em relação à última reunião não houve nenhuma alteração. Em função da parada do Guandu, houve benefício na captação nesse final de semana o que resultou em uma melhora na média mensal.

Marcelo Nunes (FCCSA) mencionou que esse mês de outubro foi o pior mês do ano, pois tiveram 13 dias de parada na captação.

José Luiz Governo (CSA) disse que no dia 21/10 ocorreu uma lua crescente e uma maré de 1m chegando a uma condutividade máxima de 445µS. Logo em seguida, veio a influência da lua cheia, uma maré de 1,6 depois 1,7 e 1,8m e chegaram a mais de 1000µS de condutividade, e conseqüentemente tiveram dificuldades para captar. No dia 29/10 foi o dia da parada da CEDAE, tinham uma maré muito alta de 1,8m e mesmo assim ficaram com 400µS de condutividade máxima, cujo valor foi se mantendo. No dia 2/11 tiveram um acidente no cabo de alimentação elétrica e um gerador foi colocado, e a situação está normalizada. Quanto às modificações na soleira, as mesmas estão sendo discutidas.

Marcelo Carvalho (FURNAS) perguntou em relação ao comportamento da soleira, se está sendo feita alguma modificação.

José Luiz Governo (CSA) disse que o coroamento está sendo elevado para evitar a entrada das marés mais altas. Pro lado da margem esquerda do canal do São Francisco a adaptação já está concluída e a previsão do término é de 15/11. Informou que os técnicos responsáveis vem estudando as soluções visto que o resultado das adaptações não é conhecido.

Edson Falcão (INEA) informou que recebeu um estudo das empresas do Canal de São Francisco propondo uma nova regra de operação, no entanto, o secretário André Corrêa pediu para não dar prosseguimento à análise da proposta e manter a média dos 75m³/s. Disse que podem marcar uma reunião para tratar dentre outros assuntos, a possibilidade de fazer uma flutuação da operação.

Joaquim Costa (GERDAU) relatou que na elaboração do projeto da soleira foi considerada uma vazão no rio maior que atual, e que engenharia é uma ciência exata. E complementou que ajustes vem sendo feitos.

Diogo Azevedo (LIGHT) disse que no dia 27/10 teve uma solicitação do INEA de uma programação especial em Pereira Passos. Atualmente a incremental entre o trecho de Santa Cecília e Funil está mais elevada e estão vertendo um pouco mais em Santa Cecília, chegando a um pico de 160 m³/s. Pode ser que ainda hoje elevem um pouco a geração em Pereira Passos.

Julio Cesar Antunes (Comitê Guandu/CEDAE) comentou que gostaria que fosse mantido o combinado na reunião anterior: que os aumentos das vazões fossem realizados de forma escalonada dentro do possível.

Marcelo Carvalho(FURNAS) relatou que Funil está defluindo 80 m³/s e a Light pediu para reduzir esse valor ainda mais. No entanto, Furnas está monitorando a incremental entre Funil e Barra Mansa e a incremental está caindo rapidamente e se fizerem uma redução tem perigo de Barra Mansa ficar com pouca água. Perguntou ao Jardel Azevedo sobre a situação da implantação das bombas em Barra Mansa.

Jardel Azevedo (SAAE- BM) disse que acreditam que até sexta-feira (06/11) irão concluir a obra e a partir segunda-feira (09/11) estará tudo finalizado.

Marcelo Carvalho (FURNAS) pediu para avisar quando a obra estiver concluída e os testes forem feitos para que possam fazer reduções bem maiores.

Edson Rezende (CESP) relatou novamente sobre o problema excessivo de vibração em Paraibuna. No caso foram duas ocorrências, nas quais a máquina deixou de gerar sendo isso um problema grave, pois força a máquina e possivelmente pode causar danos. Mencionou que como estão com uma variação muito grande de potência, em função do problema hidráulico do circuito, isso está causando muita vibração e trepidação. Disse, ainda, que está ficando insustentável trabalhar com a máquina nessa situação.

Joaquim Gondim (ANA) perguntou se não poderiam praticar um dia com uma vazão maior e outro com uma vazão menor a fim de sacrificar menos as máquinas e tentar permanecer dentro de uma faixa operativa melhor.

Marcelo Carvalho (FURNAS) pediu licença para tratar desse item posteriormente, tendo em vista que está relacionado aos problemas das vazões autorizadas na Resolução ANA nº 1204/2015.

Apresentação do Operador Nacional do Sistema Elétrico - ONS sobre a avaliação hidrológica e a operação hidráulica

Apresentação foi baseada nos resultados coletados até 02/11. Paulo Diniz (ONS) relatou que como não tiveram nenhuma incremental significativa houve facilidade em controlar a

operacionalização em Santa Cecília. Em relação a Pereira Passos, houve desvios entre os dias 27 e 30/10 em função da manutenção preventiva da ETA Guandu. A respeito da previsão meteorológica já há um indício de transição. Tiveram picos nas vazões que chegaram a 190 m³/s, e em função disso houve uma estagnação no uso da água armazenada nos reservatórios e o reservatório equivalente está em 5,8%. Apesar desse início de sinalização do período de transição, ainda continuam com vazões abaixo da média, porém melhor do que ano passado. Em relação às médias do ano passado, fecharam outubro com 42% acima e na média maio/outubro estão com 112%. Provavelmente não terão mais referência para utilizar as médias de 2014. Disse que irão avaliar o mês de dezembro para prever um cenário e fazer uma avaliação prospectiva para o período chuvoso. Estão oscilando dentro da perspectiva que tinham lançado na reunião do dia 06/10 e continuam dentro desse cenário.

Em princípio, não haverá necessidade de utilizar volume morto. Em relação aos aproveitamentos de forma individualizada, continuam em um momento que não é preciso pensar em mudança da forma de operação. Há uma recuperação de Funil e voltaram a ter um esvaziamento um pouco mais intenso em Jaguari, nesse momento devem esperar a chuva acontecer para reavaliar a condição de operação e a minimização das vazões defluentes dos reservatórios de cabeceira. Lembrou que agora tem uma nova resolução da ANA que permite reduzir as vazões defluentes em Santa Branca e Paraibuna. Não se tem perspectiva de entrar no volume morto de Paraibuna, entretanto Santa Branca está com volume muito próximo de zero.

Dentro desse cenário informou que receberam duas demandas de operação específica em Santa Branca: uma é da prefeitura de Santa Branca e a outra da Paróquia Nossa Senhora das Escadas e São Benedito, na cidade de Guararema. Ressaltou que a preocupação é operacionalizar um aumento da vazão de Paraibuna, para que Santa Branca não solte mais água do que está chegando e entre no volume morto.

Marcelo Carvalho (FURNAS) relatou que repetidas as vazões de 2014, o reservatório de Santa Branca estaria entre os dias 23 e 25/11 com um valor próximo a 4,7% de armazenamento do seu volume útil, muito próximo de atingir o volume morto. Dado este cenário, foi debatido na reunião do dia 6/10, a possibilidade de reduzir as vazões à jusante de Paraibuna e Santa Branca e também Funil, justamente para aproveitar essa chuva que viesse a entrar nas incrementais para poder aumentar o nível dos reservatórios. E a resolução nº 1204/2015 da ANA incorporou a redução dos limites das vazões defluentes permitidas: Funil de 70 para 60 m³/s, Santa Branca de 25 para 10 m³/s e Paraibuna de 20 para 7 m³/s.

A ANA informou que trata-se de uma autorização e como foi colocado na reunião só poderão ser utilizados esses valores quando houver chuva nas incrementais. Isso foi amplamente debatido e apresentou uma certa controvérsia com o estado de São Paulo. Posteriormente foi sugerido que os representantes do referido Estado elaborassem uma lista de contatos semelhante a feita pelo Rio de Janeiro utilizando o mesmo modelo de Protocolo de Emergência. Mencionou que a ANA autorizou a prática dessas reduções, no entanto sua operacionalização está aberta ao debate.

Edson Falcão (INEA) fez uma observação sobre a operação que o Marcelo Carvalho comentou, lembrando que a mesma aconteceria no momento de chuva, quando as incrementais são expressivas, e os impactos seriam pouco expressivos. O objetivo é recuperar os volumes dos reservatórios de cabeceira.

Marcelo Carvalho (FURNAS) lembrou que a redução em Funil não ocasionou problemas com os usuários com exceção de um evento de 6h em Barra Mansa, onde o Protocolo foi acionado e tudo foi resolvido. Disse que não quer fazer uma alteração permanente que prejudique os usuários. Perguntou para os participantes presentes de São Paulo, quais são os usuários que existem entre Paraibuna e Santa Branca que poderiam ser afetados por uma redução de Paraibuna.

Hiroaki Makibara (SSRH) disse que com relação a esse assunto, houve uma reunião na semana passada com o DAEE e a CETESB e no dia seguinte o DAEE se reuniu com a FIESP. Solicitou que o DAEE fizesse esse relato.

Wanderley Soares (DAEE) disse que houve uma discussão na última quarta-feira para a elaboração de um protocolo e sobre o envio desse material hoje (03/11). Como sugestão feita na reunião, para as captações outorgadas a nível federal seria feito o acionamento da ANA, as do Jaguari e afluentes o protocolo seria via DAEE, quanto à qualidade seria CETESB e posteriormente acionaria o ONS e a CESP a LIGHT para abrir ou fechar.

Zeila Piotto (FIESP) relatou que estiveram presentes na reunião realizada no DAEE de Taubaté trinta participantes, alguns da sociedade civil, mas a maioria usuários. Citou que o cadastro da ANA indica que nesse trecho há 94 cadastrados sendo 30 deles indústrias e a preocupação do grupo foi a ausência de modelagem no controle das incrementais e como seria esse processo e que gostaria de confirmar sobre a modelagem que a professora Mônica Porto teria solicitado na reunião passada.

Marcelo Carvalho (FURNAS) disse que não se recorda de alguém ter pedido essa modelagem na reunião do dia 6/10. O estado de São Paulo que teria que levantar junto aos usuários quais seriam as restrições que surgiriam com as reduções das vazões e o monitoramento que seria feito para justamente poder tratar para que essas reduções sejam feitas de forma controlada com monitoramento da incremental, conhecimento dos tempos de viagem. São Paulo que deverá apresentar esses dados e ter esse conhecimento.

Zeila Piotto (FIESP) disse que precisa de tempo e de uma discussão sobre quem desenvolve essa atividade. Na reunião de Taubaté fizeram uma ata com os encaminhamentos e enviaram um ofício à ANA e ao CEIVAP. Nesta mesma reunião, em Taubaté o DAEE destacou que por estar calha federal, a ANA que teria que fazer esse controle. Mencionou que estão dispostos a contribuir, mas é preciso de tempo e mais informações, além da definição de quem fará isso, por isso solicitaram uma reunião presencial.

Joaquim Gondim (ANA) disse que se for dentro da perspectiva da ANA em Brasília esse sistema dificilmente irá se resolver dentro da contenda em função dos dois pontos incrementais em Santa Branca a jusante e Guararema. O risco que se tem não é perder

água inicial, entretanto, num período mais chuvoso significa colocar água em Funil numa época que pode estar havendo volume de espera. Então a água entra e vai embora, mas no momento que Funil quiser abrir o volume de espera, toda água é perdida.

Zeila Piotto (FIESP) mencionou que precisa de um tempo para que esse processo seja avaliado e essas definições sejam feitas, por isso solicitam uma reunião com subsídios. Nessa reunião tiveram várias sugestões de pontos de monitoramento, mas é necessário mais tempo para consolidação destas informações.

Marcelo Carvalho (FURNAS) falou que o que será feito em São Paulo não será nenhuma novidade. A questão toda é que o período chuvoso está se iniciando e quando chegarem os meses de dezembro e janeiro, Funil entrará numa situação que se bater o volume de espera, o que chegar de água terá que ser vertido, então de qualquer maneira é muito importante colocar água na cabeceira.

Edson Falcão (INEA) perguntou qual o tipo de captação dos usuários de São Paulo, pois dependendo de qual for, eles não irão sentir diferença, mas é importante que isso seja analisado. O objetivo é armazenar o mais rápido possível em Paraibuna, já que o mesmo detém 60 % do volume total.

Zeila Piotto (FIESP) relatou que como a reunião foi dia 29/10, ainda não tiveram tempo de fazer um levantamento de captações. Na reunião do DAEE, citaram como exemplo o Jaguari, que quando foi feita a redução também foi realizada uma pesquisa de campo pelo DAEE de todos os usuários do trecho antes de autorizar a redução. Destacou que acreditam que deveria ser feito algo semelhante e por isso solicitam uma reunião presencial.

Benedito Felipe Costa (SABESP) relatou que não são contra as regras que foram colocadas, porém quanto à questão sobre o monitoramento há uma preocupação sobre a forma que isso será comunicado. Quanto à questão de tipo de captação, a SABESP já está se preparando para isso.

(SAAE) disse que são contra a redução, porém acredita que terão problemas em Jacareí se for feita à redução. Mencionou que sua preocupação é que abastecem 96% da população e mesmo acionando o protocolo demoraria umas 12h até voltar ao nível necessário. Precisam de uma avaliação mais detalhada para saber o momento e como isso irá se realizar. Disse, ainda, que discorda da forma que aqui foi colocada que a situação foi bem debatida, pois foi debatida, porém não o suficiente.

Marcelo Carvalho (FURNAS) esclareceu que no grupo as medidas não ficaram um ano sendo estudadas para depois serem implementadas. A redução para 110m³/s foi objeto de uma grande obra que foi realizada na foz do canal São Francisco, uma soleira vertente, que custou milhões que foram bancados exclusivamente por usuários industriais. Além disso, a redução a jusante de Santa Cecília para 35m³/s, já foi implementada há um bom tempo na base da confiança, as reduções foram feitas utilizando o protocolo, não foi feito um estudo gigantesco. O Coordenador do Grupo complementou dizendo que estão pedindo somente para que os usuários de São Paulo façam esses estudos para benefício próprio.

Edson Falcão (INEA) mencionou que a primeira redução que ocorreu foi em junho de 2014 e ocorreu de forma empírica. O Grupo fazia as reduções e verificava e assim chegaram ao número que têm hoje. Perguntou para Zeila Piotto se esses 94 usuários mencionados são outorgados pela ANA ou são cadastrados.

Zeila Piotto (FIESP) respondeu que são outorgados pela ANA. Disse que estão dispostos a fazer as avaliações e aguardam essa definição de como será esse processo em relação ao órgão gestor de São Paulo e a ANA. Mencionou ainda que existem trechos em que as incrementais serão pequenas, nas quais existem grandes usuários que podem ser afetados, por isso estão solicitando um tempo que não será longo para realizar uma avaliação e discussão. E, sobre o protocolo de comunicação, mencionou que sabe sobre o bom funcionamento do mesmo no Rio de Janeiro e têm certeza que funcionará muito bem em São Paulo, porém existem algumas condições precedentes para implementar o protocolo, que estão gerando preocupação.

Marcelo Carvalho (FURNAS) perguntou a Zeila Piotto se para a próxima reunião do grupo eles já estariam com esse Protocolo bem definido. Mencionou que gostaria de ver se o grupo já definisse hoje uma operação. Comentou, também, o relato do Edson Rezende que indicava um problema na máquina de Paraibuna e que o próprio Joaquim Gondim sugeriu operar um período com a vazão maior e outro com a vazão menor e que agora existe uma resolução que permite fazer isso. O coordenador do grupo perguntou para Edson Rezende se já teriam uma modulação dessa proposta para verificar se já poderiam implementar um modelo de teste. Disse, ainda, que acredita que hoje já poderiam pensar numa operação. Finalizou perguntando ao Edson Rezende, se ele já teria uma proposta baseada na faixa de operação da máquina de modulação de funcionamento.

Edson Rezende (CESP) respondeu dizendo que a CESP não tem uma proposta, porém já tem definidas as faixas que devem ser evitadas de operar, que seria de 10 a 20m³/s. O representante da CESP fez uma conta seguindo a sugestão que o Joaquim Gondim apresentou, e se operarem um dia com 35m³/s e dois dias com 20m³/s, na média continuam com 25m³/s, sendo que esse tipo de modulação não traria problema algum.

Joaquim Gondim (ANA) disse que o que poderia ser praticado nos próximos dias é verificar qual a menor vazão no trecho de Paraibuna e Santa Branca, tendo em vista que é um trecho pequeno, bem conhecido por todos e com pouca vazão incremental. Lembrou que precisam definir o que fazer para resolver o problema da operação de Paraibuna para que não prejudique o sistema de geração e posteriormente analisar a possibilidade de aproveitamento das incrementais. O representante da ANA acredita que o foco deve ser no trecho mais crítico da bacia que vai até São José dos Campos. Apresentou a proposta completa que seria estudar a questão das máquinas de Paraibuna e fazer a redução gradual estabelecendo um nível adequado sem contar com incremental e depois concentrar no monitoramento, principalmente no trecho até São José dos Campos.

Marcelo Carvalho (FURNAS) sugeriu operar 8h com 35 m³/s e 16h com 20 m³/s, ou seja, dentro das 24h fariam essa modulação de modo que os efeitos a jusante serão menos sentidos, e depois repetiriam o ciclo para ver se daria algum problema e se ocasionalmente

houver alguma complicação deveriam informar à CESP.

Joaquim Gondim (ANA) relatou que a ANA sempre foi favorável a esse entendimento. A proposta 1 seria monitorar e ver se não haverá nenhum impacto a montante de Santa Branca, checar quais são os usuários desse trecho para marcar a data para fazer o teste. A proposta 2, se passar dessa fase, seria para o trecho até São José dos Campos para ver pontos possíveis de monitoramento.

Zeila Piotto (FIESP) disse que é necessário discutir a operacionalização da avaliação da prática dessas vazões nesse trecho entre Paraibuna e Santa Branca, pois acredita ser importante que o órgão gestor, no caso o DAEE, faça essa interlocução no estado.

Hiroaki Makibara (SSRH) mencionou que entende a preocupação da ANA, mas por outro lado o DAEE não lida com o Rio Paraíba do Sul, pois a ANA é a responsável. Caso não possa ser a ANA, questionou se AGEVAP poderia fazer esse monitoramento, por ser a mais indicada.

Edson Falcão (INEA) comentou que acredita que o DAEE como órgão gestor tem como papel e atribuição realizar esse monitoramento. Caso o DAEE não faça, existe o protocolo.

Zeila Piotto (FIESP) disse que não sabe se a AGEVAP tem disponibilidade de pessoas para realizar esse trabalho e solicitou uma cópia do Protocolo de Comunicação e também que todos os usuários sejam avisados dos testes.

Marcelo Carvalho (FURNAS) disse que encaminharam o protocolo de comunicação e propôs como sugestão principal que a calha ficaria a cargo da ANA ou a quem a Agência delegasse e o Jaguari a cargo do DAEE. Eles têm uma lista de nomes preestabelecidos faltando somente alguns contatos para fechá-los.

Joaquim Gondim (ANA) perguntou ao DAEE se essas máquinas da CESP são de interesse do DAEE, ou se não é de interesse.

O DAEE não pode responder no momento sobre a questão de operacionalização e estão discutindo a respeito do Protocolo.

Edson Rezende (CESP) apresentou um breve histórico onde informava qual teria sido a motivação de tirar essa máquina da operação. A unidade geradora de Paraibuna é uma unidade que está próxima a sair para uma manutenção maior. Em função dessa manutenção e da necessidade sistêmica e da operação do rio Paraíba do Sul entraram em contato com a engenharia e conversaram sobre a possibilidade de operar essa máquina dentro da faixa restritiva. Após diversas conversas, o setor de engenharia autorizou a máquina operar em 25m³/s por um período determinado e limitado até essa máquina sair para manutenção, o que deve ocorrer até fim do mês. Na verdade estão operando com essa máquina até a outra voltar, aí terão que operar ou em 20 ou em 35m³/s ou fazer essa operação com divisão horária ou diária. A máquina não está aguentando e já está apresentando alguns problemas, então se não chegarem a nenhum consenso, eles terão que fazer outro tipo de operação. Lembrou que terão que tomar uma decisão a curto prazo,

pois já estão no limite.

Marcelo Carvalho (FURNAS) disse que de qualquer formar irão implementar de imediato essa proposta de operar 8h com 35m³/s e 16h com 20m³/s, se houver algum problema deverão acionar a CESP. A proposta sugerida é de nessa semana programar um teste na 5^a e na 6^a feira e no final de semana realizar uma avaliação, se não houver problemas já implementar na próxima semana.

Zeila Piotto (FIESP) relatou que apoiam a proposta de redução para a preservação das máquinas e que o protocolo deve permitir acionar a CESP imediatamente caso haja algum problema. Complementou dizendo que precisam dos contatos para identificar os usuários desse trecho.

Marcelo Carvalho (FURNAS) disse que ao final da reunião o Edson Rezende (CESP) já passará os telefones e a Zeila Piotto e o DAEE divulgarão para o grupo. O coordenador apresentou a sugestão de programar a operação para 5^a e 6^a feira.

Zeila Piotto (FIESP) perguntou sobre o horário de início da operacionalização.

Marcelo Carvalho (FURNAS) disse que poderia ser a partir de 0h.

Paulo Diniz (ONS) disse que a expectativa é que não tenha uma oscilação de nível muito significativa. Uma proposta de programação seria de 0 às 8hs faria 20 m³/s, de 8 às 16hs faria 35m³/s e de 16 às 24hs com 20 m³/s.

Marcelo Carvalho (FURNAS) propôs essa implantação a partir das 0h de quinta-feira, na sexta -feira repete o ciclo e no final de semana voltaria ao normal com 25m³/s. A partir de segunda-feira, se não houver nenhum relato, volta-se a fazer esse programa de operação. O representante de Furnas pautou para próxima reunião do grupo, a proposta de apresentação de São Paulo do Protocolo mais detalhado e também das ações /estudos que serão feitos para que próxima reunião.

Zeila Piotto (FIESP) perguntou se os estudos que o Coordenador do GTAOH relatou contemplariam a avaliação de cada usuário ou que tipo de avaliação seria feita.

Marcelo Carvalho (FURNAS) respondeu que a sugestão seria estudar os pontos de monitoramento, junto aos usuários levantar quem teria problemas de captação e quais os tipos de captação.

Zeila Piotto (FIESP) disse que do ponto de vista dos usuários, estão levantando problemas de captação nos diversos segmentos, quanto à questão de modelagem, vazões incrementais, monitoramento isso não é informação que seja do controle de gestão dos usuários. A representante da FIESP perguntou sobre quem irá apresentar essas informações.

(ONS) relatou que a experiência do ano passado é expedita, o que eles estabeleceram foi uma redução de 2 m³/s de vazão e os usuários quem eram mais sensíveis às reduções

observavam se conseguiam captar e não conseguindo eles acionavam o protocolo, mantendo a captação e observando alguns detalhes que os ajudavam na operação. Quem faz isso são os usuários, pois eles têm o interesse de manter a captação e o operador tem interesse em reduzir sem prejudicar o usuário.

Zeila Piotto (FIESP) perguntou quais serão os pontos de controle, as condições de monitoramento e quais serão as vazões previstas.

Marcelo Carvalho (FURNAS) explicou a Zeila Piotto que não trabalham com previsão de vazões nesse tipo de situação e sim com monitoramento.

Joaquim Gondim (ANA) perguntou como irão conseguir diminuir as vazões de Jaguari se eles precisam dos estudos na jusante.

Marcelo Carvalho (FURNAS) concluiu dizendo que o dever de casa foi passado para São Paulo e na próxima reunião farão o acompanhamento. E completou dizendo que ficou combinado o teste de redução em Paraibuna.

Zeila Piotto (FIESP) complementou dizendo que eles não querem complicar, querem apenas ter um nível de conforto nas decisões. Em relação ao tempo de resposta em função dos níveis de vazão, perguntou quem faz essa avaliação e onde estão estes dados.

Marcelo Carvalho (FURNAS) disse que o tempo de resposta é o tempo de comunicação. O resultado vai demorar de acordo com o tempo de propagação que é resultado de observação. O ideal é que os pontos de monitoramento tenham telemetria.

Edson Falcão (INEA) sugeriu como fonte de informação o site da ANA, que é uma boa fonte, por ter informações em tempo real. Sugeriu também terem uma noção de tempo de viagem a partir da regra de operação.

3- Assuntos Gerais

Marcelo Carvalho (FURNAS) relatou que foi encaminhado ao ONS dois pedidos de aumento de defluência de Santa Branca devido a eventos na região. Um deles é dia 15 de novembro uma procissão pluvial e outro dia 29 de novembro é uma procissão de descida do rio de bóia.

Paulo Diniz (ONS) disse que em princípio a demanda básica é o aumento da vazão em Santa Branca de 30 para 100 m³/s no total de 12 horas, que corresponde a 1% do reservatório. Nesse momento de esvaziamento, as datas dos eventos seriam no período onde acreditam que Santa Branca estaria bem próximo de 0%. Encaminharam para ANA essas duas demandas e a Agência irá encaminhar para debate.

Joaquim Gondim (ANA) disse que a Agência não concorda, pois irá coincidir numa época crítica, a princípio não fariam a alteração, a menos que o comitê solicite.



Não havendo manifestações favoráveis, o grupo decidiu por unanimidade não recomendar essa operação.

Marcelo Carvalho (FURNAS) solicitou à AGEVAP o envio da correspondência do Presidente CEIVAP, encaminhando posicionamento do Grupo em relação a esses eventos.

Larissa Ferreira (INEA) justificou a ausência de Maria Aparecida Vargas (CEIVAP/Energisa) devido a participação da mesma na reunião do Fórum dos Comitês.

A próxima reunião será realizada no dia 16/11 às 14h através de videoconferência.

Início	14 horas	Encerramento	16 horas
Registro da reunião elaborada por:	AGEVAP		